MANOELITO DE ORNELLAS

"A GÊNESE DO GAÚCHO BRASILEIRO"

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

OS CADERNOS DE CULTURA

OS CADERNOS DE CULTURA

Direção de José Simeão Leal

1 —	José Jansen	A Máscara no Culto, no Teatro e na Tradição
2 —	Álvaro Lins, Carpeaux e Thompson	José Lins do Rego
3 —	Paulo Ronai	Escola de Tradutores
4 —	Carlos Drummond de Andrade	Viola de Bôlso
5 —	Lúcio Costa	Arquitetura Brasileira
6 —	Lúcio Costa	Considerações Sôbre a Arte Contemporânea
7 —	Paulo Mendes Campos . . .	Forma e Expressão do Soneto
8 —	Djacir Meneses	Formação Profissional do Advogado
9 —	H. Von Kleist	Teatro de Marionetes
10 —	Antônio Cândido	Monte Cristo, ou da Vingança
11 —	Luís Cosme	Música e Tempo
12 —	João Cabral de Melo	Miró
13 —	Otávio de Faria	Significação do Far-West
14 —	Santa Rosa	Roteiro de Arte
15 —	Santa Rosa	Teatro, Realidade Mágica
16 —	José Carlos Lisboa	Teatro de Cervantes
17 —	José Carlos Lisboa	Isabel, a do Bom Gôsto
18 —	Gilberto Freyre	José de Alencar
19 —	Clarisse Lispector	Alguns Contos
20 —	Mário Pedrosa	Panorama da Pintura Moderna
21 —	Rosário Fusco	Introdução à Experiência Estética
22 —	Carlos Dante de Morais . .	Realidade e Ficção
23 —	Dante Costa	O Sensualismo Alimentar
24 —	Lêdo Ivo	Lição de Mário de Andrade
25 —	Eugênio Gomes	O Romancista e o Ventrilóquo
26 —	José Lins do Rego	Homens, Sêres e Coisas
27 —	Otávio Tarquinio de Sousa .	De Várias Províncias
28 —	Lúcia Miguel Pereira	Cinqüenta Anos de Literatura
29 —	Alexandre Passos	A Imprensa no Período Colonial
30 —	Manoel Diégues Júnior . .	Etnias e Culturas no Brasil
31 —	Cyro dos Anjos	Explorações no Tempo
32 —	Oswaldino Marques	O Poliedro e a Rosa
33 —	Fernando Sabino	Lugares Comuns
34 —	Péricles Madureira de Pinho	Notas à Margem do Problema Agrário
35 —	Vitorino Nemésio	Portugal e o Brasil na História
36 —	Willy Lewin	Ensaios de Circunstâncias
37 —	Herman Lima	Variações Sôbre o Conto
38 —	Herman Lima	Roteiro da Bahia
39 —	Flávio de Aquino	Três Fases do Movimento Moderno

(Continua)

Acervo físico Grupos de Estudos em Educação,
História e Narrativas

Digitalizado por:
Repositório Digital Tatu
Em: **09/10/2018**

GEEHN
Grupo de Estudos em Educação,
História e Narrativas

MANOELITO DE ORNELLAS

"A GÊNESE DO GAÚCHO BRASILEIRO"

OS CADERNOS DE CULTURA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

A

ALVARO MOREYRA,

amizade fraterna de todos os tempos.

"El estudio encara el problema de otra manera y me gusta grandemente. Señala elementos culturales arabes que han pasado a la cultura del gaucho, especialmente los que se refieren a la relación con el caballo. Es exato. El estudio esta muy bien escrito, documentado y pleno de emocion."

(Crítica sôbre "A Filigrana árabe nas tradições gaúchas".) ENRIQUE DE GANDIA — Buenos Aires — Argentina.

De um simples refrão ou mesmo de uma simples palavra recolhidos da tradição oral, podemos chegar, às vêzes, às fontes secretas da história remota, na paciente pesquisa que tanto se parece à do geólogo, a cortar verticalmente a estrutura da terra para defini-la na variedade curiosa de suas sedimentações.

Gilberto Freyre explicou nos preâmbulos de sua "Sociologia", que para o levantamento do perfil social e cultural de um grupo, para o estudo de uma região, de uma época, de um movimento ou de uma instituição, não se poderia guardar, da primeira à última página, rigidez ou exclusividade de método, aquilo a que chamou de castidade sociológica ou pureza científica absoluta. Por mais de uma vez o sociólogo, entregue a tal aventura terá de valer-se de estudos ou de ciências vizinhas da sociologia, de outras formas de experiência humana — da história, da psicologia, da filosofia, do folclore e até mesmo de métodos extra-sociológicos para melhor exploração e compreensão de matéria virgem ou complexa.

Ortega y Gasset, numa série de conferências proferidas no Instituto de Humanidades de Madri, afirmou, por sua vez, que a ciência histórica criou diversas técnicas para chegar ao exame do *remoto* e que uma delas, das mais úteis, das mais fecundas e das mais de-

cisivas, era, evidentemente, a lingüística. E PAIVA BOLÉO ressaltou o estudo das palavras nas suas relações com as coisas como fecundo à etnografia e ao folclore.

Na vida histórica do Rio Grande do Sul uma simples palavra, utilizada num apôdo político, ofereceria à curiosidade do pesquisador um roteiro que, a princípio, humilde e restrito aos âmbitos do tempo, rumaria depois para as encruzilhadas dos séculos.

Em 1893, quando as paixões partidárias dividiam o Rio Grande do Sul em dois campos diversos — de um lado os republicanos presidencialistas sob a chefia de JÚLIO DE CASTILHOS e de outro os republicanos parlamentaristas sob o comando de GASPAR SILVEIRA MARTINS — a verve popular, a que jamais faleceram os recursos do humor e da sátira, crismou-os, respectivamente, de "pica-paus" e "maragatos".

"Pica-paus" eram pássaros familiares à terra e que, pelas listas brancas de seu topête, se assemelhavam aos combatentes presidencialistas que traziam, em seus chapéus de campanha, também uma divisa branca. Mas o apôdo de "maragatos" requeria investigação mais extensa.

Por que "maragatos"? — A que origem se prendia o batismo extravagante, original, exdrúxulo?

— Que relação haveria entre a palavra forasteira ao gênio da língua e mais ainda às tradições da terra e os revolucionários parlamentaristas de SILVEIRA MARTINS, tão rio-grandenses e ciosos de sua origem, quanto os legalistas de JÚLIO DE CASTILHOS?

Não foi difícil colhêr a razão, no plano periférico. Quando as fôrças revolucionárias de JOÃO NUNES DA

SILVA TAVARES transpuseram as lindes fronteiriças do Rio Grande, abandonando o exílio político do Uruguai, e após o manifesto de "Carpintaria" datado de 5 de fevereiro de 1893, a seus contingentes mal armados incorporou-se GOMERCINDO SARAIVA, a cujos lanceiros coube o batismo de sangue da Revolução, no combate do "Salsinho".

GOMERCINDO SARAIVA, cuja nacionalidade foi posta em dúvida, se brasileira ou uruguaia, era de família uruguaia, irmão do caudilho APARÍCIO SARAIVA, do Departamento de São José. Os revolucionários de JOCA TAVARES, como os acaudilhados de GOMERCINDO, traziam divisas vermelhas nos chapéus. Mas, com os soldados de GOMERCINDO, aprenderam — todos êles um requinte à exteriorização de seu exaltado idealismo: bordaram sôbre as fitas encarnadas, em letras de ouro, os dísticos mais entusiastas e ardorosos: "Tudo pela liberdade", "Liberdade ou morte" e alguns até com pruridos de humor: "Onze meses de ausência, pica-pau tenha paciência".

Que o vermelho era o símbolo universal das rebeliões, está certo. Mas aquelas legendas douradas e hiperbólicas, eram coisa diferente.

GOMERCINDO SARAIVA trazia, entre os homens de sua coluna rebelde, muitos uruguaios nascidos em São José. São José fôra, entre todos os departamentos políticos do Uruguai, aquêle onde se haviam localizado os imigrantes *maragatos* de Espanha.

Nos meados do século XVIII, segundo o depoimento de ALBERTO JANS BROWN, inúmeras famílias espanholas, procedentes de *La Maragateria* e embarca-

das, por duas vêzes, no pôrto de La Corunha, em barcos batizados de *Santa Anna*, chegaram ao Uruguai.

A localização dessas numerosas famílias *maragatas* em São José deu ao departamento uruguaio uma intensa vida comercial e industrial. E, dentro de pouco tempo, os descendentes dos imigrantes espanhóis, alastravam-se pelo território da Banda Oriental e penetravam o Rio Grande — que era terra comum, porque o Uruguai fôra a nossa Colônia do Sacramento e depois a nossa Província Cisplatina — como o Rio Grande, numa vasta parcela de seu território, fôra terras missioneiras invadidas por Espanha. Mas êsses "maragatos" uruguaios conservaram, nas terras novas da América, os mesmos hábitos e costumes de origem, como resistiram, na Espanha, às influências descaracterizantes da civilização moderna, constituindo, ainda há pouco, inassimilável "nódulo racial" de que nos falou OLIVEIRA MARTINS.

Usavam chapéus de abas largas, com cordões e borlas de sêda, as borlas episcopais precursoras do barbicacho, camisa pregueada ao peito e colarinho baixo, colete debruado de encarnado, sem gola, hoje conhecido como "chaleco", com botões de prata filigranada (trabalho de ourivesaria deixado pelos mouros na Península), *bragas* de tela, baeta ou merinó, no modêlo rigoroso de nossa bombacha, enfeitadas de pregas laterais e ajustadas aos joelhos e o tirador de couro para os trabalhos do campo. No chapéu, como nas ligas ajustadas aos joelhos, entre o punho da braga e a polaina de couro — no formato da *bota de potro* — bordava, sob fundo geralmente vermelho, as legendas e os dísticos que sempre foram de seu particular agrado: "Viva

mi dueña!"; "Todo por mi amor"; "Mi mujer y mi tierra"; "La vida por un beso"; "Quien te regala esta liga, te diera toda su vida", ou ainda a frase denunciadora de seu indisfarçável narcisismo: "Es la maragata gente, noble y valiente". (1)

Ora, êste povo tradicionalista e afeito, como os dísticos denunciam, aos azares da aventura, amigo das *tiradas quixotescas*, mas de uma bravura e de uma solidez de caráter que o fizeram respeitado na Espanha e na América, não perdeu a oportunidade de extravasar, ao lado dos guerrilheiros de SARAIVA, todo o ardor combativo de sua raça. E aos acampamentos de JOCA TAVARES, na Carpintaria, chegaram ostentando, como o haviam feito seus avós nos meados do século XVIII ao Uruguai, aquelas divisas vermelhas com letras douradas. Algumas, traduzidas para a língua do país onde

---

(1) *Del colorado bonete*
lleva la vuelta bordada,
con una cifra que dice:
"De amor es mi alegre causa"

En medio roseta y toca
una esmeralda me dalla
con una cifra que dice:
"Entre dos hay sola un alma"

Capitar y tunicela
lleva de color morada,
y a trechos cifras que dicen
"Eres sol de mi esperanza".

("Romancero Mourisco", de LUIZ SATULANO. Lenda de Abenamar.)

vinham combater e, outras, ainda na própria língua de origem. E não seria estranho encontrar, num chapéu tombado em campo de batalha, ao lado de uma pôça de sangue coagulado, as divisas denunciadoras daquela solidariedade revolucionária sem fronteiras, que confundia os povos de duas pátrias: "Todo por la libertad". ou "tudo pela liberdade".

Os legalistas de JÚLIO DE CASTILHOS não tiveram dúvidas: para êles, os rebeldes de Tavares eram "maragatos". Sim, "maragatos", estrangeiros invasores, mercenários de um caudilho uruguaio a serviço da bandeira parlamentarista de GASPAR... Mal sabiam os legalistas que, nesse momento, batizavam, històricamente, para a posteridade, como no caso dos "farrapos", homens que haveriam de honrar pela bravura, pelo idealismo e pela renúncia, a tradição de altivez e independência da gente do sul. Batismo pejorativo que não fôra estranho aos líderes da campanha emancipacionista do Prata, na madrugada do Século XVIII, pois quando BARTOLOMÉ HIDALGO — o criador da poesia crioula da América — pretendeu diminuir moralmente os lusitanos de Lecór, que subjugavam sua Pátria, não vacilou em chamá-los:

"Portuguêses mentecatos,
parientes de maragatos".

Apenas havia um deplorável equívoco. Se os portuguêses, tão sòmente os das lindes setentrionais da Galícia, podiam ser parentes de "maragatos", muito mais o

deviam ser os próprios espanhóis que os tinham integrado no complexo étnico e geográfico do país.

O certo, porém, é que nem HIDALGO nem os legalistas de CASTILHOS podiam ou deviam usar o nome dos "maragatos" num sentido tendencioso, pois a tradição dêsse povo, na *região cantábrica* da Espanha, é das mais nobres e limpas.

Poderia findar aqui a curiosidade da indagação. Mas ao pesquisador sempre fica uma pergunta a fazer.

Por que se enquistara na região norte-montanhosa da Espanha aquêle povo singular, que vestia e falava diferentemente do resto da Península Ibérica? De onde procedia? E quando havia chegado às terras de CASTILHOS?

— "La Maragateria" é um trato de terra em nada parecido com o resto da Espanha. E o maragato, como a terra, é um tipo à parte na ecologia peninsular. Dêle são características estas virtudes: o culto ao trabalho, à economia, o profundo respeito às crenças e um exaltado amor à família.

Maragateria tem aproximadamente quatrocentos quilômetros quadrados e oito "ajuntamientos" com trinta e quatro povos e cêrca de dez mil habitantes.

O painel que Concha Espina nos deu, em pinceladas largas, da terra maragata, foi o mesmo que surpreendemos ali: o de uma planura esquiva, onde as frescas amapolas semelham o sangue da terra a correr com estéril melancolia, como o fluxo de entranhas infecundas e onde a natureza, embora agressiva e áspera, às vêzes se engalana com raros alardes de formosura, para subir

ao Teleno, pela senda dos *peregrinos*, ou a *Músicas de Rechivaldo*, ao *Castrillo de los Polvazares* e outras povoações de nomes sonoros e morta fisionomia que aparecem como esfinges atrás dos caminhos medievais, em forma de ferraduras.

MATIAS RODRIGUES, historiador de Astorga, diz que há sessenta quilômetros de Siut, na província egípcia de Mudirieh, na região do Nilo, — existiu uma cidade que se chamou *Maragath*.

As hostes do Islã, sob os estandartes de Maomé, naquela "liberação da humanidade mágica" de que nos falou SPENGLER e que foi a eclosão do século VIII investiram para o Leste e para o Oeste. Já haviam penetrado a África do Norte até os domínios de Cartago. E, sob as ordens de um dos seus mais famosos generais — MUÇA IBNE NOÇAIR — prosseguiram seu avanço pelas terras dos povos *berberes* que, na sua maioria, estavam há muito convertidos ao Cristianismo e de onde haviam saído grandes nomes da Igreja Católica, como TERTULIANO, SÃO CIPRIANO e, sobretudo, SANTO AGOSTINHO.

Os povos daquela província do Nilo não escaparam às fatalidades da mesma contingência. E integrados aparentemente no corpo nacional do islanismo, formaram nas legiões que TARIQUE devia comandar no assalto às terras de *Hispania*. E com doze mil *berberes* — na sua maioria homens do Sul do Nilo — TARIQUE derrotou o rei RODRIGO, em Guadelate. O domínio da Espanha tornou-se fácil, quase uma passeata triunfal. Da matança junto ao Lago de Janda, apenas escaparam poucos heróis e, entre êles, o PRÍNCIPE PELÁGIO que

formou um minúsculo reduto de resistência cristã, em Covadonga. (2)

TARIQUE exorbitou diante da complacência do vencido e excedeu-se nas ordens que recebera de uma simples investida. Foi mais longe. Chegou ao coração da Península. E é nas proximidades das muralhas defensivas de Toledo que MUÇA vem surpreendê-lo enciumado das vitórias do rival. À frente da velha cidade austera e heróica, vibra o *chicote* sôbre a face do vencedor de Guadelate. MUÇA era árabe. TARIQUE era berbere. Raças irmãs, parecidas em tudo mas rivais na bravura. MUÇA castiga os vencedores. E divide a Espanha em duas partes: a do Sul, mais fecunda, mais rica, mais dadivosa, para êle e seus exércitos. A do Norte, mais pobre, quase estéril e triste — para os soldados *berberes* de TARIQUE. A velha rivalidade do Oriente transplantava-se para o Ocidente. E haveria de ser, na decorrência dos séculos futuros, o fator do enfraquecimento e extermínio de ambos.

Os berberes, que na sua maioria vinham daquelas províncias do Sul do Nilo, onde haviam deixado a sua cidade de Maragath, fundam a nova colônia, nas terras cantábricas da Espanha. E ao trato territorial, à gleba

---

(2) "Os maometanos conquistaram todo o país no espaço de 3 anos, exceto as regiões quase inacessíveis do noroeste". HENRI BUCKLE". História da Civilização na Inglaterra. Fls. 16.

A reconquista, porém, segundo TICKNOR, em sua "História of. Spanish literature", foi mais lenta.

Nos meados do Século IX os cristãos alcançaram a linha do Douro. Até os fins do Século XI — O Tejo.

Em 1085, Toledo. Málaga em 1287. Granada em 1492.

nova, avara na recompensa das messes regadas a suor, deram, nostàlgicamente, o batismo de *Maragateria*. (3)

Dom Frederico Aragon, catedrático no Instituto de Leon, em longos estudos antropológicos, nos quais examina acima de trinta tipos "maragatos", no propósito de afirmar sua exata procedência, argumenta, convincentemente, e com riqueza de informações, que os maragatos que se localizaram entre Astorga e El Teleno, CAMBARROS e SANTIAGO MILLAS, na Província de Leon, têm sua origem nos povos *berberes* que dominaram a Península.

SANTIAGO ALONSO GARROTE, em seu livro "El dialeto vulgar Leonês hablado en Maragateria y Tierra de Astorga", depois de examinar as diversas origens atribuídas aos maragatos, inclusive a dos celtas, argumenta: *"Com personalidade mais racional e convincente que o*

---

(3) Com referência à imigração dos maragatos, da terra árida e estéril onde vivem, refletem o drama da pobreza êstes versos de ROSALIA DE CASTRO:

"Este vaise y aquel vaise,
e todos, todos se van;
Galicia sin hombres quedas
que te poidan trabalhar.
Tes en cambio orfos e orfas
e campos de soledade,
e mais que no teñem filhos
e filhos que no teñem pan.
E tes corazons que sufren
longas ausencias mortás,
viudas de vivos e mortos
que ninguem consolaran".

céltico, acusa-se o avoengo berbere do maragato, que a antropologia e a antropometria determinam hoje com suficiente aproximação técnica, apesar das evoluções com que o correr dos séculos transformou a raça primitiva".

DOZY afirma que os maragatos provêm de um grupo de berberes que se deixou ficar entre Astorga e Leon, nos tempos de FERNANDO I, de cuja opinião partilha D. MIGUEL MARAYTA, na sua "História de España."

A permanência dos maragatos nas montanhas de Castilha la Vieja, mesmo após a expulsão do último estandarte da meia lua islâmica das terras de Boabdil, justifica-se por aquela remota procedência cristã dêsses berberes, que MUÇA presumira incorporar no complexo étnico-religioso do Islamismo.

Os reis católicos não lhes perturbaram a vida pacífica, por que haviam sido êles, os berberes, eternos revoltados contra o Emirato de Córdoba e, sob forma, aliados na obra de resistência insone dos cristãos.

Mas há de perguntar-se sòmente êles, os maragatos, eram os elementos mouros infiltrados na vida da Espanha, à parte a hegemonia do árabe, em oitocentos anos de domínio político?

Evidentemente que não. Nem foram êles os primeiros que pisaram a *Hispania*, quando TARIQUE destroçou o Reino Visigótico. Há quatro mil anos antes de Cristo, os Camíticos orientais lastraram a formação de tôda a parte meridional da Península.

Daí a razão pela qual JOSÉ MARIA PEMAN, na sua "História de España", afirma que sôbre a variedade dos grupos humanos que formaram Espanha e Portugal, pre-

valeceu o *Ibero*, isto é, o tipo humano vindo do Norte da África, do qual procedem sem dúvida também os Marroquinos. E' essa a razão também pela qual mais tarde os invasores mouros, ali encontrariam, para fundir-se, um povo a êles em tudo parecido e das mesmas origens comuns.

Muito antes dos acampamentos romanos, erguidos à frente da celtibera *numância*, já haviam chegado mouros à Península, famosos como ginetes e flecheiros. Na decisiva batalha de Munda, foi a cavalaria do Príncipe BOGUD, aliado de CÉSAR, que se jogou contra as tropas de POMPEU.

Navegantes fenícios, comerciantes de Cartago e grandes chefes púnicos encontraram radicados à orla do Mediterrâneo um sem número de berberes, cuja identificação com os iberos, pelas razões de PEMAN, era tão perfeita que dificilmente seria possível distingui-los e CAGIGAS afirma que foram incontáveis as migrações da *Mauritânia* e sob uma continuidade surpreendente. A fácil travessia de continente a continente, a proverbial riqueza do país dos tartessos e turdetanos, elogiada por ESTRABÃO; o espírito guerreiro do *berbere*, sempre disposto à luta e à aventura, foram outras razões para justificar sua demorada permanência na Ibéria. Durante o largo período dos nove séculos de domínio sarraceno, os berberes continuaram migrando em ondas sucessivas para a Península.

Berberes foram os soldados de TARIQUE; *berberes*, os soldados de MUÇA; *berberes* imigraram para *El Andaluz*, quando o cisma jarichi, no século VIII, pôs em perigo a hegemonia árabe no Norte africano; tropas *ber-*

beres constituíram o núcleo fundamental do exército com que ABDERRAMÃO I dominou a Espanha; *berberes* foram as milícias de ALHAQUEM; *berberes*, as tropas de ABDERRAMÃO III, quando foi proclamado o Califado Andaluz, *berberes* as hostes de Almançor, nas batalhas vitoriosas contra os cristãos do Norte, desde Barcelona até a tumba do Apóstolo no coração de Galícia.

Berberes foram, ainda, os príncipes que imperaram desde as areias do deserto até as fronteiras cristãs dos Cinco Reinos, de Portugal, Leon, Castilla, Navarra e Aragão. E *berberes* também os chefes militares que chegaram à Ifriquia; os juristas; os filósofos; os teólogos; os arquitetos; os construtores e os administradores que ilustraram as côrtes dos Príncipes Taifas.

Tôda essa enorme massa de *berberes* a passar para o solo Andaluz, em obstinada insistência, ali imprimiu um sêlo característico. CAGIGAS afirma que não podia ser de outra forma. O que aconteceu — diz êle — é que não se soube ou não se quis ver o fenômeno, pela falta de estudos sistemáticos da *berberização espanhola*.

ESTRABÃO descobriu nos *berberes* uma perfeita identidade com os árabes, tão profunda — acentua êle — que a separação só se tornou notável por poucas e singulares virtudes. Eram nômades na sua maioria, faziam a guerra usando de métodos comuns e viviam sob uma análoga estrutura política.

Talvez fôsse essa a razão por que os árabes jamais tivessem, em suas lutas internas, inimigos mais temíveis muitas vêzes mais temíveis, mais ousados e ferozes do que os guerreiros da Pérsia ou de Bizâncio. E estas as razões por que, em longos tempos de investigação

histórica, tantas confusões se fizeram entre as duas poderosas nações irmãs.

Cada vitória sôbre os *berberes* foi sempre paga com a mais sangrenta das derrotas. ABDALMÉLIQUE dizia: "E' impossível conquistar a África; apenas se extermina uma tribo *berbere* quando outra surge, maior e mais temível". (4)

Provada a influência extensa e profunda do mouro em todo o território da Espanha por nove séculos, que decorreram de 711 ao Edito de FELIPE III, mesmo sem o exame das antecedências, estarão provadas as marcas do homem oriental no tipo peninsular que atravessou o Atlântico para a conquista e a colonização da América Espanhola.

Se o gaúcho sul-americano foi um produto da miscigenação dêsse peninsular com a índia das nossas tri-

---

(4) "Os berberes lançaram algumas vêzes a sua espada na balança, sempre que o ímpeto das armas cristãs fêz subir o prato do domínio do Islã e a ruína dêste ficou selada quando o elemento berbere perdeu sua fôrça". ONCKEM-MULLER.

"A grande subelevação dos berberes entre os árabes, do ano 123 da Hegira, (741 da nossa Era) e as discórdias subseqüentes entre os mesmos árabes deram ocasião à formação do Reino de Leão e das Astúrias". ONCKEM — IX volume — fls. 335 (MULLER).

"Já dissemos que os desta raça habitavam, principalmente, desde as primeiras vitórias dos Asturianos nos distritos setentrionais do território maometano — isto é, entre o Tejo e o Guadiana".

"Na metade setentrional da Espanha formavam a grande maioria da população". ONCKEM — História Universal — Volume IX — Fls. 351-352.

bos, não tenhamos dúvida da herança étnica do *berbere* no tipo primitivo do mestiço. (5)

Mas há de surgir aqui uma interrogação insatisfeita. Êsse mestiço era espanhol, nascido nas colônias da Espanha. E o gaúcho rio-grandense era português, nascido nas terras do Brasil.

Não teria o gaúcho rio-grandense diferenças rácicas do gaúcho espanhol, embora vestisse como êle e como êle fôsse um cavaleiro, vivendo no mesmo ambiente comum, caracterizado pelos mesmos hábitos e costumes?

Perguntaremos nós: que foi Portugal até a madrugada sangrenta de Aljubarrota, quando a espada de Nun'Álvares, a mágica espada de Merlin, que o Alfageme de Santarém corregira, confirmou a soberania política da dinastia de Avis?

— Um condado, o condado Portucalense de Espanha que no século XII AFONSO VI concedeu com as graças e o amor de sua filha TERESA, ao CONDE ENRIQUE de Lorena, vassalo de CASTILHA, em reconhecimen-

---

(5) Referindo-se aos índios de Ibitirussu, Tebicuari e Mondaí, RUY DE GUZMAN (1558-1560?) escreve, em seu livro "La Argentina" (página 110 — da Edição "Coleção Estrada" n.º 25 (1943), o seguinte, relativamente às habilidades de cavaleiros que já então os revelavam, no aproveitamento dos cavalos selvagens que se originavam da primeira *manada* sôlta nos campos por Adelantado de Mendonza em 1535: "Son comumente buenos *ginetes* de acaballo, de *ambas sillas* (isto é, de ambos os estilos de equitação: la gineta e la brida.) De modo que no hay quien no sepa *domar un potro*, adiestra-lo con curiosidad en lo necesario para *la gineta y la brida*.

to pelo auxílio que êste príncipe lhe prestara na conquista de Toledo.

Mas se a espada do CONDESTÁVEL NUN'ÁLVARES cortou, no vale de Aljubarrota, as cabeças espanholas, confirmando a autonomia positiva de seu Reino, não cortou — e é plausível — os liames étnicos e históricos que ligavam ambos os povos às profundas raízes dos séculos. Rompia-se a unidade política da *Hispania* mas não se rompia a unidade étnica e cultural da Península Ibérica.

E que foi o território do Pampa senão uma forja admirável onde novamente se fundiram em lutas espanhóis e portuguêses, no amálgama comum do bravio sangue indígena? (6)

Nesta questão de espanhóis e portuguêses parece-nos demasiadamente pequena e estreita a preocupação de acentuar disparidades antropológicas, porque essas disparidades não existem. OLIVEIRA MARTINS observou o fenômeno que também diretamente observei na Ex-

---

(6) Extraido do estudo intitulado "Comienzos del español en America", da autoria de PEDRO ENRIQUE UREÑA, publicado na revista "Cursos y Conferências" do Colégio Libre de Estudios Superiores, de Buenos Aires (Ano IV — N.º 12.):

"Abundaban los marinos portugueses y vascos. En general, vinieran muchos portugueses y vascos a la America del Sur: Juan de Castellanos, en las primeras partes de sus Elegías de varones ilustres de Indias, cuida siempre de indicar esos dos origenes. La venicidad del Brasil explica el gran numero de portugueses que circulaban en la region del Rio de la Plata, asi, en 1643, con motivo de la guerra en que Portugal se separa de España, se destierra a los portugueses que residian en la ciudad de Corrientes. *En Buenos Ayres constituian entonces la quarta parte de la po-*

tremadura: "Quem trilhou Portugal e a Espanha vizinha observou de certo — ou não teve olhos para ver — uma afinidade incontestável de aspecto e de caráter, um parentesco evidente, entre as populações dos dois lados do Minho, dos dois lados da raia sêca do leste. Se êsses homens não falassem, ninguém distinguiria duas nações". (7)

E terminou contando a origem do próprio Estado português: "Com um retalho de Leon, outro da Espanha meridional Sarracena, aquêles príncipes compuseram para si um Estado". Daí, sem dúvida, aquela advertência de BERGAMIN: "Portugal sem Espanha é um Portugal mutilado. Espanha sem Portugal é uma Espanha mutilada".

---

blación. (Ver MANOEL FLORENCIO MANTILLA — "Cronica de la Provincia de Corrientes e R. de La Fuente Machain" — Los portuguêses en Buenos Ayres, no século XVII).

Pero es curioso observar como al otro lado de los Andes, en Chile, resultaba facil en el siglo XVI organizar una expedición con 55 portugueses, segun refiere el Padre Diego de Rosales. Y en Lima, en 1639, la Inquisición condenaba, entre 80 reos de herejias o de judaismo, a 42 portugueses. La ejecucion de la sentencia recibió el nombre popular de "Auto de Fé de los Portugueses" (RICARDO PALMA — Anales de la Inquisicion en Lima.)

En 1646 se ordenó a los portugueses residentes en el Peru, salir del Virreinato; se presentaron 6.000 y a fuerza de dinero lograron hacer revocar el edito do destierro".

(7) "Esta tierra lusitana se asemeja mucho a la tierra española. Es la misma raza morena y vivaz, la misma raiz idiomatica, la misma formación cultural". LEOPOLDO BENITES — "Argonautas de la Selva" — Fls. 174.

Observei o tipo do campino do Ribatejo e o da planura vasta do Alentejo, de longe quebrada pela silhueta da montanha, e certifiquei-me que ali está o irmão do "garrochista" dos "Cortijos" de Sevilha igual nos seus "zahones" de couro — semelhança perfeita do *tirador* gaúcho, armados também de pampilhos decorativos para o trabalho do gado. Montam em *serigotes* de duplas cabeçadas e forram a sela com *pelegos*.

E para que o paralelo seja completo, corra-se do Sul para o Norte — e ao pisar as terras da Galícia — não se há de sentir, nem na paisagem, nem no homem, diferenças que alertem ao sociólogo. As casas das aldeias galegas são os mesmos *casais* portuguêses, com telhados de pequeno pendor e caio à mourisca, vermelhos nas telhas novas pintadas de zarcão, com suas eiras ao Sul e seus varandões abertos para o poente.

A mesma indumentária nas mulheres, as mesmas danças, as mesmas músicas, as mesmas superstições e a mesma religião. Como no verso clássico: *"Xuntos no chan e con parexa história"*.

Mas não há de ser sòmente nas lindes territoriais que a interpenetração justificará a semelhança. Em Murcia, vi os "huertanos" vestirem os mesmos palas listrados do "alentejano", pala em tudo semelhante ao do gaúcho.

Em Salamanca, constatei que os *mozos de la Alberca* usam, para a montaria, um tipo de "bombacha" em nada diferente ao da bombacha gaúcha; pelo contrário, a êste em tudo semelhante, pois êsses guapos cavalheiros, aos quais WALDO FRANK crismou de "centauros", enfeitam as costuras laterais de suas bombachas com

moedas de prata, usam polainas de couro e, por cima de tudo isso, o avental também de couro, no molde exato do nosso "tirador" de duas *bandas*. (8)

A nobiliarquia portuguêsa jamais deixou de ser a nobiliarquia espanhola. Tão entrelaçadas estiveram as famílias reais de Espanha e Portugal que o difícil não será apontar a multiplicidade dos casos, porém descobrir onde se acha a exceção, isto é, em que príncipe ou imperante das casas nobres não corria, nas veias o sangue misturado de Castela e Lusitânia...

Ora é um Príncipe português que atravessa a fronteira para trazer à Lisboa uma descendente dos Reis Católicos, ora é um Príncipe de Castela que atravessa as fronteiras para levar a Madri, uma Princesa de Avis ou de Bragança.

GIL VICENTE escreveu, em espanhol, o "Monólogo do Vaqueiro" — seu trabalho de estréia literária que proporcionou o primeiro espetáculo do teatro português. E fê-lo para agradar à Rainha, que era da família reinante da Espanha. Comentou um anotador: "Língua tão usada então, no Paço de Lisboa, mercê de sucessivos casamentos dos reis católicos". (9)

---

(8) A Espanha foi sempre um país voltado à indústria pastoril. USTARIZ, no seu livro "Teoria e Pratica del Comercio", (3.ª Edição — Madrid — 1757, fls. 20) escreve: "Hay en España un gran numero de pastores".

E CONDE, em sua "Historia de la Dominación de los Arabes" escreve: "Muchos pueblos (de Espanha) siguiendo su natural inclinación, se entregaron a la ganaderia". (Fls. 244).

(9) "Noticias de Portugal", de 22-12-1951 — Ano V — N.º 242.

O galego foi a língua lírica do século XIV. Afonso X — o Rei Sábio — escreveu em galego suas "Cantigas à Virgem". E os cancioneiros de Colocci, de Brancutti e D'Ajuda, guardam todo o tesouro da primitiva poesia da língua. Vilasandino inicia-se literàriamente em galego.

Só no período político de Enrique III é que se percebe a emancipação literária da Espanha e Portugal. Até a entrada do século XVI os clássicos foram bilingües.

Camões, Cervantes, Arcipreste de Hita, Gil Vicente e Fernando de Rojas, foram bilingües.

E nada mais eloqüente, nesse sentido, do que o caso de D. João VI, desposando Carlota Joaquina a dar ao Brasil seu primeiro Imperador, filho de uma espanhola e espanhola irriquieta e turbulenta. Nem a Casa Reinante do Brasil escapou à fatalidade da profunda e radical interpenetração luso-espanhola.

Se Espanha e Portugal constituíram um complexo geográfico, de incorrigível geometria, essa unidade não foi sòmente territorial. Foi étnica e lingüística. Étnica, porque à época das grandes invasões transfusoras não se distinguiam raias políticas, que só mais tarde surgiram. Lingüística, porque ambos os povos escreveram numa língua comum, de fundo latino, enriquecida, segundo Fidelino de Figueiredo, por infiltrações hispânicas primitivas, fenícias, gregas, célticas, germânicas e árabes do que resta a prova do galego, em cujo dialeto

medieval ainda nos embevece a lírica romântica de Rosália de Castro. (10)

Mas, à parte a herança comum de lusos e castelhanos, examinemos o aspecto do Rio Grande com relação ao Prata. Muito antes da entrada das sumatras portuguêsas pela barra de São Pedro com as primeiras famílias açorianas, já era o Rio Grande a Província de Tapes, dividida em 10 grandes fazendas jesuíticas com riquíssimos rebanhos.

Os homens que tangiam êsses gados montavam a cavalo, vestiam o chiripá e conheciam todos os segredos da equitação e dos campos. Foram os primeiros gaúchos do Século XVIII, mestiços de espanhóis e de índias.

Êsse mestiço, dono do espírito ousado do conquistador e da agilidade e perspicácia do nativo, deu o primeiro *rastreador*, o primeiro *desgarrador*, o primeiro *changador* e, por vêzes, egresso dos redutos subordinados à lei, foi também o *quatrero, vagabundo dos campos* e *ladrão de gados*. Está na figura lendária dêsse *matreiro*, dono de todos os segredos da equitação, o precursor do gaúcho, isto é, o próprio gaúcho primitivo com

---

(10) "Não existe uma "raça portuguêsa", no conceito puro da etnologia, por ser ela a resultante de um caldeamento molecular de diversas outras raças". Teófilo Braga — "História da Literatura".

"Três almas se chocaram, se penetraram, se fundiram no cadinho da história — a alma latina, a alma visigótica e a alma árabe, para que se produzisse a matéria ao mesmo tempo forte e dútil, em que o povo português esculpiu a sua língua imortal". Júlio Dantas.

tôdas as vantagens e prejuízos da sua condição de mestiço e tôdas as influências perniciosas do meio bárbaro.

Se na generalidade o colonizador português, vindo para o amanho da terra agreste, era estranho às lides desenvoltas da cavalaria, não se deve esquecer que nem todos, porém, ofereceriam, nas coisas do campo, aquêle aspecto pitoresco de que zombou JORGE BOSCO, ao tachá-los de *"chambões, que só sabiam balear o gado, arruinando-lhe a carne e o couro"*, acrescendo todavia que, no serviço do pastoreio, *utilizavam-se da perícia dos changadores e dos gaudéricos*, por serem inexperientes nas lides campeiras.

TADEU ENIS pretendeu também traçar as diferenças de ambos os cavaleiros — do mestiço e do português. E disse que os missioneiros "sabiam pelear com "indicible destreza a cavalo" e que os guerreiros portuguêses "del Brasil" eram torpes neste gênero de milícia...

Tanto JORGE BOSCO como TADEU ENIS, na sua exacerbação espanhola, esqueciam, porém, que entre os portuguêses que chegaram ao Rio Grande, também vinham, em pequeno número, é verdade, mas vinham, ginetes do Ribatejo e do Alentejo, hábeis na arte da equitação que receberam dos mouros e que teriam sido, sem dúvida aquêles tipos destemidos que se afundaram nas desconhecidas fronteiras. Se os açoreanos ou minhotos, *toscos e pesados* na frase de VARELA, podiam dar aos homens do campo a impressão de *chambões* ou de *maturrangos*, já não seria essa a figura do ribatejano ou do alentejano que até hoje realiza, no lombo do cavalo, suas festas de campo na ferra do gado e que galopa sô-

bre as estepes da Extremadura portuguêsa a impunhar o pampilho com que tange seus rebanhos.

E' inegável que está no tipo do gaúcho rio-grandense, quer no da fronteira como no do centro, pois que as fazendas jesuíticas abrangiam quase todo o Rio Grande do Sul, a influência dos hábitos peculiares ao gaúcho platino. Não importa, nem se discute aqui, a epopéia super-humana dos portuguêses que, precários em número (11) e pouco afeitos às manobras dos cavaleiros temíveis do pampa, se impuseram sôbre o espanhol repelindo o invasor arrogante e destemido para marcar seu domínio territorial na prevalência da cultura e da língua. Não se procura, neste passo da história, o que seria imperdoável, discutir se o Rio Grande era ou não era português, pois que nenhum documento compulsável da época desmenti-lo-ia: estava dentro da órbita portuguêsa e teria de ser português. (12) O que se pretende dizer é que o gaúcho espanhol nasceu antes do gaúcho brasileiro, e que o gaúcho brasileiro, com sangue portu-

---

(11) "Portugal, país pobre e mal povoado, teve sempre grandes dificuldades de dinheiro e de gente. Não passa muito de um milhão de habitantes o resultado do primeiro censo da população, ordenado por D. João III, em 1527". FIDELINO DE FIGUEIREDO: "Literatura Portuguêsa".

(12) Em parecer do Conselho Ultramarino, o Secretário de Estado Mendo de Foios Pereira informava ao Rei, a 31 de outubro de 1695 — "que não era possível manter a defesa portuguêsa do sítio chamado *dos Paulistas*, entre o Rio Grande e o Rio Piraguay (sic), distrito do Rio da Prata, por ser a sua situação em grande distância e não se lhe poderem introduzir os socorros tão fàcilmente como na nova Colônia do Sacramento que está situada à borda dágua, onde podem chegar os navios e se

guês, adaptou-se à vida e aos hábitos de seu vizinho espanhol. Não o impediu a inimizade tradicional que a fronteira alimentava. Pelo contrário, porque o português e o mestiço de português, no lombo do cavalo, deviam ter as mesmas habilidades, usar dos mesmos recursos, viver da mesma forma que o inimigo próximo vivia. Só assim poderia enfrentá-lo e vencê-lo. Dessa forma entendia SILVA PAES quando, de chegada ao pôrto e presídio do Rio Grande, dirigia a 12 de abril de 1737, a carta a GOMES FREIRE DE ANDRADE em que dizia: "A ocupação do Rio Grande é muito mais útil ao Brasil que a de Montevidéu". O ponto — afirmava êle — é criar gente de cavalo e que saiba fazer o serviço como cá se costuma... Já se acham corridas mais de duzentas vacas, espero cresça o número e já se acham marcadas para sua majestade mais de mil, que faço conta passá-las a outra parte para um rincão de admiráveis pastos, donde andam também as cavalhadas; quero ver se se pode juntar alguma eguada para que, pela produção dêstes gados, se sustente a guarnição e sobeje e haja cavalaria, para todo o serviço: *"eu procuro que todos saibam andar a cavalo, que é muito preciso"*. (13) Era indispensável, sem dúvida. GARCILASO, o Inca, escreveu que foram os cavaleiros da escola de "la gineta" que conquistaram as terras virgens da Amé-

---

ainda nestes têrmos fôr necessário um grande empenho para se sustentar esta praça, maior parece que será para se conservar esta nova povoação". Documentos Históricos do Ministério da Educação e Saúde — "Consultas do Conselho Ultramarino" — Vol. XCIII da Biblioteca Nacional.

(13) RIO BRANCO — "Efemérides Brasileiras".

rica. Sem o cavalo o conquistador não teria dominado e vencido o índio que, a princípio, o julgou um ser sobrenatural, emprestando-lhe à figura de lanceiro a imagem do centauro. (14)

---

(14) J. BERAUD-VILLARS em seu livro "Les invasions Almoravides en Espagne aux XI e XII siècles (Plon — Edit. Paris — 1946) escreve: "Jusqu'au IX siècle l'Occident avait ignoré l'etrier-les cavaliers de l'antiquité et des époques mérovingienne et carolingienne, faute de tenir solidement sur leurs montures, ne servaient que de tirailleurs ou d'éclaireus et il leur était impossible de s'aborder au galop, ni de charger a fond une ligne d'infanterie, car le choc les aurait jetés à terre. La cavalerie restait donc un facteur secondaire dans la bataille.

Inventé probablement en Chine au VII Siècle, introduit soit par les Sármates, soit par les Byzantins, — soit par les Arabes, l'etrier se répandit lentement en Europe et ne devint d'un usage courant qu'au XI Siècle, mais á cette époque les Occidentaux en tirérent un parti remarquable au point de vie du rendement de la cavalerie de guerre. Les cavaliers, solidement maintenus sur leurs montures grâce á l'etrier, purent désormais porter des armes trés lourdes et, munis de fortes lances, attaquer á fond l'infanterie adverse".

"Le premier document iconographique de l'Europe occidentale montrant un etrier est un manuscrit espagnol du IX Siècle, *ce qui militerait en faveur de l'origine arabe des premiers etriers occidentaux*".

Sôbre a origem do cavalo crioulo, do pampa americano, escreve EMILIO SOLANET, em seu livro "El Caballo Criollo" (Edição Agro" — Buenos Aires — 1946):

"El descendiente del caballo del conquistador se *apampó* desde el pecho hasta el tuétano y se volvió de muchisimo mas fondo que su padre español y aun que sus abuelos de Arabia y Berberia." (Fls. 12).

"Por los anos del descubrimiento de Amerisa y mucho antes y despues, el caballo iberico, sobre todo el *Andaluz*, era con-

Não seria dentro de seus botins labregos, com sua calça prêsa aos joelhos, de meias compridas e brancas e de barrete com borlas, que o português ilhéu ou con-

---

siderado como la mejor cabalgadura de Europa. *En su formación predominó el linaje oriental traido del norte de Africa por la dominación mussulmana que duro casi ocho siglos* (*Fls.* 17).

"Hemos visto que por los años del descubrimiento de America, la cabalgadura española era considerada como la mejor de Europa. *Que en la formación de esta raza primó la sangre oriental llevada del Norte de Africa por los Moros, más fuerte en la impregnación que las sangres de los yegurizos existentes en la Peninsula, en razón de su mayor pureza y selecion, por haber durado ocho siglos el señorio islamita y por ser este imediato a la conquista del nuevo mundo.*

"La estirpe Moruna-arabe-berberica, que acompaño a los conquistadores y colonizadores españoles en sus expediciones, fué la que pobló este Continente, donde al adaptar-se al nuevo medio riguroso sobre todo en el sur y durante varios Siglos de vida salvaje produjo por supervivencia de los mas aptos la Raza Criolla.

"La tierra americana fué para el Moruno "la enorme fragua que templó aun más su caracter, les dió alienta de gigantes y corazón de ñandubay".

Anota que as pelagens *Oveiro* e *Tubiano* foram levadas para Entre Rios, por intermédio do Uruguai em 1850, pela Estância do General Urquiza e que eram procedentes de Santa Catarina, Brasil. A palavra Tubiano é de origem brasileira.

ANGEL CABRERA, em seu livro "Caballos de America", (Edição Sudamericana, 1945), informa:

"Suele decirse que el caballo español de los siglos subseguientes universalmente famoso, tenia sangre arabe o era de tipo

tinentino investiria contra a áspera campanha. Êle chegou trazendo essa indumentária. Mas teve de deixá-la nas arcas, para adotar a vestimenta da terra: o *cheripá*

---

arabe, por la costumbre que hay de mirar como arabe todo lo que pertenece al Islan; *pero si la invasion de la Peninsula Iberica fué en efecto, politicamente arabe, los ejercitos que la realisaron no eran arabes, sino berberiscos.*"

"*Y berberiscos fueron tambien los caballos que llevaron consigo*". Arabia estaba muy lejos de España, sobre todo dado los medios de transporte de entonces, *mientras que Berberia era como la vereda de enfrente*".

"Cuando los españoles adotaron las costumbres hipicas de los *Muslimes*, todo lo que copiaron, *el cabalgar en los estribos cortos, el uso del freno de alto puente y bandada de aro de hierro, el resistirse a castrar los caballos, el considerar inoble el andar en jegua, etc. son cosas proprias de los berberiscos y que no se estilan entre los arabes*".

"Mas todavia: el grueso de la caballeria mahometana en la España se compuso casi constantemente de *zanetas, xenetes o jinetes*, es decir, de *berberiscos* de la rama o nacion *zenetia* (de ahi el llamar *jinetas* aquienes peleaban a su estilo, y el nombre de *jinete* que se vino a dar a todo que es de a caballo".

"Este caballo jineta cujo principal centro de produción fue logicamente *Andalucia*, por haber sido ali mas duradera la dominación musulmana, caballo que tanta fama alcanzó en el mundo entero, por suas excepcionales condiciones, en opinion de HOUEL, jamás superadas por ninguna otra raza, era el que predominaba en España en la epoca de los descubrimientos y conquistas en America".

"*Devemos suponer que este fue también el tipo equino que los españoles trajeron al nuevo mundo*, entre otras razones porque era el que se usaba para cabalgar "a la jineta"; y todos los historiadores quando hablan de las fuerzas montadas que toma-

e depois a *bombacha* com que o gaúcho de há muito montava seus baguais e domava seus potros, destinados

---

ban parte en aquellas emprezas, hacen constar que se componiam como las que trajo *colon*, de *lanzas jinetas*".

"Mi tierra se ganó a la jineta" — decia GARCILASO, El Inca, referindo-se a la conquista del Peru.

"No hay ningun argumento que autorice a decir que viniera con los españoles otro tipo de caballo que el caballo jinete, al menos en los siglos XV al XVII".

Nos documentos gráficos referentes à Conquista do México, como no *Lienzo de Tlaxcala* e mesmo no *Codice Florentino*, os espanhóis que aparecem montados estão sempre "a la jineta".

"Descendiente direta de dicho caballo andaluz, la raza criolla, em toda su pureza, constituyo la totalidad de la población equina deste país hasta el año de 1806.

En general, el aspecto de los caballos criollos recurda bastante el de la raza *berberisca*.

"Los caballos llevados por los portugueses eran, naturalmente, los de su país, *pero estos eran naturalmente en aquellos tiempos caballos que no se diferenciaban en nada de los de España*".

"Creo que el zootecnico brasileño HERMSDORFF está cierto al pensar que, si durante los trenta y tantos años de dominacion holandesa en el siglo XVII, entraron en el Norte del Brasil algunos caballos de tipo frison o germanico, su influencia en la raza ya estabelecida debio de ser leve o passagera". (Fls. 360).

"El criollo verdadero, el legitimo *caballo creollo* del Brasil, algunas veces llamado "peludo" (pêlo duro) *es absolutamente identico al criollo de las republicas del Plata, siendo opinion muy general entre suas criadoras mas entusiastas que no es posible distingui-lo ni aun como una subraza*".

COLDEMLEUGH escreveu: "Os melhores cavalos do Brasil são importados da Prata".

às correrias no campo aberto, na caça dos rebanhos *chimarrões*. (15)

Vai nisto, sem dúvida, maior exaltação ao tipo étnico português. Defrontar um inimigo desta valia, ter que adaptar-se aos hábitos dêle e, pequeno em número, vencê-lo, com a galhardia de seu heroísmo, dominando a terra agreste e impondo as marcas de seu espírito, de sua cultura e de sua língua na alma e na inteligência do povo que absorvia, constitui, a nosso ver, o maior elogio que se possa fazer à raça lusitana, persistente e altiva, valorosa e invencível. Por que se negar, então, a presença, sem conseqüências psicológicas, do espanhol nos hábitos e costumes do gaúcho? O reconhecimento dêsse fenômeno comum a tôdas as fronteiras do mundo, em que poderia alterar o sagrado orgulho da nossa origem lusitana? E em que prejudicaria nossa consciente integração no complexo étnico-cultural de quase cem milhões de almas que falam a língua de Camões sôbre a terra?

ASSIS BRASIL valorizou, mais do que nós, essa influência, ao escrever: "Não foi tão insignificante como

---

(15) "Vários (dos índios guaranis) trazem enrolada à cintura uma espécie de saia a que dão o nome de chiripá. "S. Hilaire"- Viagem etc. fls. 17.

JOSÉ DE SALDANHA observou o mesmo uso nos índios Minuanos:

"Envolvidos desde a cintura até o joelho, com volta e meia de algodão". (Diário de José de Saldanha)".

"Por vestimento traziam (os guaicurús) um poncho prêso ao redor dos rins por um cinto de couro, passado de um lado sob a axila e do outro sôbre a espádua onde o poncho era ligado por

em geral se pensa. Os espanhóis dominaram por largos espaços de tempo, em grande parte, o território da Província do Rio Grande, além de que em recíprocas invasões os dois povos se visitaram diversas vêzes. "Não obsta, a meu ver — escreve ASSIS BRASIL — a consideração da rivalidade existente entre ambos, porque jamais antagonismos políticos perturbaram assuntos de procriação". ALFREDO VARELA completa o pensamento de ASSIS BRASIL, quando perfilha a tese, para dizer que houve segurança nessas conclusões, pois diversos fatos estão a provar o entrelaçamento das duas correntes colonizadoras no Rio Grande do Sul — a espanhola e a portuguêsa. Lembra, por exemplo, que BENTO GONÇALVES casou, no Prata apesar de viver de armas nas mãos sôbre a fronteira; que DOMINGOS MOREIRA, malgrado a permanente hostilidade nas lindes territoriais, também desposou uma descendente de Castela. O próprio historiador não confessa, mas sem dúvida, teria ligações senão recentes pelo menos remotas com troncos espanhóis, pois *Varela* é nome legìtimamente caste-

---

dois bicos. Parece ter procurado imitar a antiga indumentária dos romanos". (S. HILAIRE — "Viagem, etc. fls. 134).

Eram quatro moços vestidos à gaúcha; êles traziam chapéus arredondados de abas largas; trajavam chiripás com franjas, *coletes vermelhos com botões amarelos* (note-se a semelhança do traje maragato); chales de cachemira velhos amarrados à cintura (o pala) excetuando um dêles que cingia uma linda e bordada guaiaca (o cinturão bordado à maneira maragata); e traziam ainda grandes e pesadas *chilenas* de prata; estavam armados à riograndense, com espada, duas pistolas, uma carabina, e o laço e as bolas, que estavam seguras aos *tentos* dos cavalos; seus aspectos eram guerreiros; em seu todo apresentavam uma lhana fran-

lhano e *maragato*. A êsses exemplos podemos aduzir mais dois, que ligam, no tempo, à mesma conjuntura, alguns dos máximos heróis da nossa história, em três períodos culminantes da nossa vida de povo. Se BENTO GONÇALVES a figura imponente do movimento de 35, desposou uma uruguaia, o GENERAL MANUEL LUÍS OSÓRIO, uma das espadas mais ilustres do Paraguai, descendia também de troncos raciais da velha Castilha pois seus brasões pertencem à terra *maragata*, e segundo CONCHA ESPINA, ligados às casas reinantes de Espanha. Por outro lado, — ainda o caso de GUMERCINDO SARAIVA, o Guerreiro que serviu sob a bandeira de GASPAR SILVEIRA MARTINS. E é feliz a lembrança do tribuno insigne. Êle mesmo, SILVEIRA MARTINS, participou intensamente da vida uruguaia pois seu avô foi latifundiário da vizinha República e tão vastas extensões de campo ali possuiu que chegou a afirmar e quase a realizá-lo, que chegaria, da fronteira a Montevidéu, por dentro de seus campos. Mais de um presi-

---

queza e alegria bem pronunciada. Três dentre êles tinham cabelos ruivos e cabeleiras pendentes sôbre os ombros, exceto o que cingia a guaiaca, que tinha cabelos castanhos também da mesma forma dispostos". CALDRE FIÃO — "O Corsário" — fls. 84.

"O vestuário do gaúcho consistia simplesmente em uma ceroula com crivos e franjas nas extremidades das pernas, uma guaiaca ou tirador de couro geralmente seguro à cintura por abotoaduras de moedas de prata (tão do uso dos espanhóis do Norte), uma camisa, um *bixará* (poncho de abrigo) que servia de coberta. Na cabeça, um gorro de fazenda (semelhante ao turbante, acusado por ARSENNE ISABELLE e por ARNOLD GREEN) e, para montaria, quando usavam de chilenas nos pés, faziam um calçado preparado da joelheira trazeira dos animais, que garrotea-

dente de República no Uruguai foi descendente de brasileiros, nascidos no Rio Grande do Sul. "As translações originadas pelas causas econômicas faziam refluir, de uma a outra parte, levas de indivíduos que assentavam definitivos penates e com o andar do tempo se confundiam na massa pré-existente. Para a banda do Brasil, assinala a tradição que vieram casais das Ilhas Canárias, no período da entrada dos açoreanos, alojando-se, os primeiros, nos campos de Piratini e Jaguarão", onde talvez LUCCOCK houvesse encontrado aquêle fidalgo de Castela que o hospedou e lhe ofereceu um belo cavalo de muda, "como se afirma, igualmente, que se fixaram outros espanhóis no centro da Província, fundando a atual cidade de São Gabriel e ocupando as cercanias da Bôca do Monte, pelo rincão que dêles tomou o nome de Biscainho". A estas informações de ALFREDO VARELA, acresceremos mais as de que, em São Gabriel, localizou-se, com decisiva influência na campanha do Rio Grande, um grupo de autênticos maragatos oriundos das terras cisplatinas.

Isso não autoriza a nenhum sociólogo ou historiador a nos enquadrar entre os povos castelhanos porque,

---

vam bem, enquanto estava o couro fresco (a *bota de potro*) e, ou atavam na ponta ou faziam curto, de modo que ficassem de fora os dedos dos pés. EVARISTO DE CASTRO — "Notícia Descritiva da Região Missioneira" — 1887 — fls. 1.275).

"O chapéu do gaúcho, na Banda Oriental é redondo e de largas abas retas (o tipo maragato). Em Buenos Aires é um pequeno chapéu de forma elevada e abas estreitas, pôsto de lado sôbre um lenço branco, atado em baixo do queixo" (O modêlo do fez.) ARSENNE ISABELLE — pág. 189.

em última análise, a identificação não seria particularmente nossa, nas terras da América, por uma contingência de fronteiras abertas, mas dos próprios portuguêses e espanhóis nas terras da Europa.

Mas sôbre a identidade do espanhol e do português na Península, acresçamos um denominador comum: o *berbere* que, pela sua cultura e seu poderio material berberizou — na frase do historiador português GARCIA DOMINGUES — tôda a parte ocidental da Espanha isto é, todo o território que hoje compreende Portugal. MOZAINE realizou em Silves o principado da inteligência. Silves tornou-se a mais célebre cidade islâmica do Garbe. E' ali que surge o gênio do Século X do mundo arábico de então — o grande IBNE HAZAME, polígrafo notável, poeta, filósofo, teólogo, historiador.

HAZAME era espanhol, nascido em Córdoba e filho de HAMEDE, Vizir de Almançor. E CASI, o polígrafo, um português islâmico nascido em Beja.

ALMOTÁMIDE, general beduíno que nominalmente comandou o exército de seu pai, com 12 anos apenas, conquistou Silves, então sob a dinastia de MOZAINE. E SILVES — a Xelb muçulmana — passou a ser o centro da poesia arábico-andaluza, não só com o gênio do próprio ALMOTÁMIDE adolescente, como ainda com o de AMMAR amigo do Príncipe. E o Xara-dajibe — Palácio das Varandas — foi conhecido em todo o mundo Oriental e Ocidental.

E até hoje, na paisagem e na vida do povo algarvio, a nota dêsse passado de fausto, de luxo e inteligência, é viva e palpitante.

Não foi sem razão que JOÃO LÚCIO cantou:

"Algarve do "margoth", dos rostos escondidos, das tendas, das visões, das moiras encantadas"

e SILVA TAVARES diria:

"Algarve, terra mãe do pensamento!
E' moiro o próprio sol que nos afaga!"

DAVID LOPES, na "História de Portugal" comenta que ocupada a Península pelos mouros, operou-se a islamização dos hispanos-gados. E que ela foi completa para uns e incompleta para outros. *"Mas em todos os casos decisiva na influência dos hábitos e dos costumes do povo português em geral"*. (16)

Lisboa foi uma cidade oriental — a Kassaba mourisca, a Lixbuona roqueira sob o Tejo e de cujo cimo esplendoroso se adivinhavam todo o Garbe e as pérolas de Alcaçar e de Chenchir. "Dava uma Alhambra pequenina com seus palácios coroados de alamedas e ru-

---

(16) Como eloqüente prova da miscigenação étnica, de hispanos, portugueses e árabes, está a origem de Camões, o maior poeta da raça, contada por JOSÉ AGOSTINHO, em sua "História de Literatura Portuguêsa," edição de 1927, às fôlhas 67: "Camões é um celtibero. Seu pai, Simão Vaz de Camões, era oriundo da Galícia.

Mas também tinha sangue euro-árabe, se o não tinha também euro-africano, porque a mãe de Simão Vaz, D. Guiomar da Gama, era algarvia".

"Ao sangue celtibero e euro-árabe do pai de Camões, uniu-se o sangue celtibero — *mas fàcilmente laivado de mistura euro-*

tilantes minaretes, com seus eirados forrados de mosaicos, seus muros vestidos de azulejos de ouro e verde, os alegretes de tijolo, os claustros interiores sussurrantes de fontes, os pátios floridos, as arcarias de volta, as janelas de ajimês, todo um miniatural mundo mourisco, usando lendas e versículos, rodeado de jardins e de laranjeiras, de termas que banhariam sultanas do Crescente ou filhas de Califas". (17)

Todo Portugal sofreu a berberização que OLIVEIRA MARTINS também acentuou e elogiou, acrescendo que nas regiões lusitanas taladas pelo fanatismo, processou-se a guerra de extermínio entre *moçárabes* e *berberes*. Portugal inteiro conheceu o uso feminino do *bloco* muçulmano, que velava as mulheres e que LUCENA informa haver sido banido depois de muita luta e após muitos séculos decorridos do domínio Sarraceno.

O Algarve, entre tôdas as terras portuguêsas, foi a que conservou quase irretocável a tradição mourisca. Até hoje não sòmente na arquitetura como nos hábitos e costumes do povo permanece irredutível a lembrança do *mouro*. E' fácil descobrir-se nos ribatejanos a ca-

---

árabe, da mãe, D. Ana de Macedo, natural de Santarém, terra que foi pertença a grande centro, por muito tempo da raça árabe. Encarados os progenitores, eram aproximadamente iguais no espírito de Luiz de Camões a influência céltica e a influência euro-asiática, e como que só por acréscimo receberia a influência do puro espírito lusitano que sofreu muito mais profundamente a ação do espírito de Roma do que dos árabes e demais invasores".

(17) NORBERTO DE ARAÚJO — "Legendas de Lisboa".

valo, nos trabalhos do campo e na vida do mar, a indumentária e os utensílios herdados do invasor. (18)

Os músicos e trovadores carregam, como o árabe e como os gaúchos, a sua cordeona que é ainda aquela

---

(18) "Mas continuaram a ciência árabe astronômica e náutica, divulgada na Península pelas traduções e compilações ordenadas por Afonso, o Sábio, de Castela".

"Assimilaram *outra vez* a perícia árabe, ao chegar ao Oceano Índico e ao retomar assim contato com a civilização muçulmana". FIDELINO DE FIGUEIREDO — "Literatura Portuguêsa".

Trouxeram para a Europa a Bússola, que receberam dos marinheiros da China. Ensinaram aos europeus a ciência da navegação. "Abem Machild foi o pilôto que acompanhou Vasco da Gama, desde Malindi, costa oriental da África, até Calicut, no ano de 1498. Os navegantes portuguêses aprenderam a arte de navegar, em tratados de Náutica de Suleiman el Mahri, e antes, nas experiências da própria Escola Náutica dos Árabes, em Sagres.

A contribuição dos árabes à vida dos povos europeus foi numerosa e fecunda. Entre múltiplas referências, destaquem-se as seguintes, feitas por ANGEL GONZALES PALENCIA, em seu livro "Moros y Cristianos en la España Medieval" (Madrid 1945 — págs. 6 em diante):

"O cultivo e uso do café, o desenvolvimento de inúmeras indústrias, como a do açúcar, a do papel, que trouxeram da China, inúmeros esportes, como o do polo, que aprenderam dos persas e dos indus, o da pelota, que mais tarde se conheceu com a denominação inglêsa de *foot-ball*, o da caça, ciências, como a medicina, a alquimia, as matemáticas, a astronomia, etc. tudo aprenderam os europeus com os árabes".

"Entre las aplicaciones de la mecânica hechas por los arabes está el organo hidraulico, del cual se hizo un ejemplar en el siglo XII para un Rei de Francia, y los molinos de viento, citados por

mesma gaita *zamorana*, originária do Maghreb, ou a sua guitarra também de origem mourisca. (19)

---

el Masudi, en 943, mientras que en Europa no se les nombra hasta 1105".

Dos marinheiros chineses trouxeram a *bússola* que passou a ser conhecida nos portes do Mediterrâneo. "Conheciam como ninguém a ciência náutica".

VASCO DA GAMA foi guiado desde *Melinde* a *Calicut* pelo pilôto árabe IBN MAYD, segundo provou G. FERNANDO na sua "Introdution á l'Astronomie" — pag. 274.

Verifique-se, ainda, a respeito, o livro "Españas en la Historia", da autoria de AMÉRICO DE CASTRO — fls. 584.

(19) Etimol. Del arabe *Quitar*, y este del griego *Kithara*. Instrumento de curda y de caracter popular, cuyo origen lejano parece hallarse en la *cítara*. Inumerables han sido las variaciones, que en su nombre y su forma ha venido experimentando, atravez de los tiempos. Los latinos segnalan la especie con el nombre de *cítara hispanica*, llamada tambien sistro. La variedad que con designacion medieval de *guiterna* y posteriormente de *vihuela*, llegó a constituir en la España, la guitarra atual, tras largo processo evolutivo, debio ser introducido en nuestro país por los arabes que ya la conocian desde epocas remotas, lo mismo que los persas, los indús, los turcos y otros pueblos del Oriente, aunque entre ellos tuviera aspectos, encordadura y tenicas diferentes. De la seis cuerdas de que consta, tres, las mas delgadas, son de tripa y las restante de entorchado — denominando-se estas de bordones. El numero de cuerdas fué, en un principio, de quatro, habiendole aumentado la quinta el celebre poeta y musico ESPINEL, ignorandose, hasta hoy, quien añadióla sexta ni en que epoca ocurrió la importante mejora organica.

El sonido real resulta una octava mas baja que está escrito, notando-se la musica para guitarra en clave de sol.

Aveces, bien para estender los limites del instrumento ó para hacer mas faciles determinadas posiciones, que no permiten tras-

Os cavaleiros do Ribatejo, em dias de festa e de trabalho, em nada diferem dos árabes, dos andaluzes e dos gaúchos da América. Vendo-os, armados de "pampilhos", numa carga simulada, perguntaríamos confusos, se aquilo é um entrevero de lança no pampa ou a fúria de uma razia do deserto.

GILBERTO FREYRE diz que os moçárabes, gente impregnada da cultura e mesclada do sangue do invasor

---

tear el acorde ordinario, se recurre al artificio de alterar la afinación ya mencionada (acordatura). La extención del instrumento es de tres octavas y media, pero las ultimas notas agudas solo pueden atacarlas, con exito, un ejecutante habil.

Por lo que a la tenica se refiere, si hubo un largo periodo en que solo se tañia rasqueando, diferenciandose en esto la popular guitarra de la aristocratica vihuela, que se tocaba punteado, a partir del siglo XIX, adotaranse por los guitarristas ambos procedimientos, asi como se introdujo el portamiento y el vibrato, caracteristico de los instrumentos de arco y de tan hermoso efecto expressivo en manos de un verdadero artista. Se afirma que la introdución del punteado en la guitarra se debe a un monje cisterciense, Fray Miguel Garcia, vulgarmente llamado el *Padre Basilio*, maestro que fué de la Reina Maria Luisa, esposa de Carlos IV y que entre otros notables discipulos contó el famoso *Dionisio Aguado*. Despues de haber atravessado por un breve periodo de favores aristocraticos, especialmente a fines del siglo XVIII y comienzos del imediato, auge que llegó a hacer séria competencia al clave en los palacios reales y las manciones de la nobreza, inicíouse la decadencia del instrumento quedando relegado su uso a las classes eminentemente populares. No obstante procuraron elevar de nuevo la categoria artistica de la guitarra considerandola como perfecto instrumento de concierto artistas tan extraordinarios como *Sors, Aguado, Hertta, Arcas, Caño y Tarrega* cuyo laudable ejemplo siguen modernamente *Segovia, Llovet, Fortec, Pujol, Saens* de la Maza y Parras. Este movimento a favor

constituíram, no fundo, o nervo da nacionalidade portuguêsa.

E é ainda OLIVEIRA MARTINS que nos diz *"que a invasão árabe foi, sob todos os pontos de vista, a maior fortuna histórica da Península"*. Valeu-lhe a renovação literária, introduzindo nos velhos motivos tradicionais da civilização antiga ou peculiares aos conquistadores visigóticos, os novos, criados pela consciência de uma

---

de la reabilitación artistica de la guitarra es favorecido, atualmente, por algunas agrupaciones que como la cultural guitarristica fundada en Madrid em 1924, celebra eminentes conciertos. Las guitarras españolas formam una família completa, siendo sus principales individuos:

La Guitarra ordinaria; La Guitarra tenor do-fa-si-re-sol; La Guitarra requinte si-mi-la-re-fá-si; La Guitarra tiple la-re-sol-do-mi; La Guitarra flamenca que acompaña los cantares y bailares, solo se diferencia de la corriente en que es mas estrecha de caja, poseyendo por lo tanto una sonoridad mas apagada. Entre las numerosas especies de guitarras estranjeras o las antiquadas, citaremos las principales: La Guitarra de amor, que se tocaba con un arco; La Guitarra Inglesa — de teclado (sistre) — 12 cuerdas; La Guitarra Harpa — 7 cuerdas; La Guitarra de Bissex — de 12 cuerdas; La Guitarra de Flandres — Portugal — 6 cuerdas dobles; Guitarra Inglesa punteada — 6 cuerdas dobles cantantes; la Guitarra Inglesa doble mange; Guitarra Toscana — 7 cuerdas dobles; Guitarra Alemana — 5 o 7 cuerdes (variedad de citara); La Guitarra harmonica; La Guitarra Tudesca — antigua (4 cuerdas); La Guitara Veneciana — Siglo XVI; la Guitarra de los mandigas — la tampura indú ;La Guitarra de Crin — usada por los negros; La Guitarra Mourisca — especie de laud de 3 cuerdas que llaman *Arcolira* o *Colachen*, durante su apogeu en Francia.

Los tratados antiguos mas importantes o curiosos acerca de la guitarra son "Declaración de Instrumentos" de J. OSSUNA

raça cujos frutos têm do deserto o sentimento do infinito, do aloés a elegância e a côr, e a doçura das tâmaras das palmeiras da Arábia".

Mas, ainda na altura e seqüência dêstes raciocínios, uma outra pergunta ressaltará. No Rio Grande do Sul o elemento do Reino, preponderante na colonização, não foi o do Continente mas o das ilhas. Se a indireta

---

(1555), "Guitarras Españolas y Vandella" — de J. AMAT (1572), "Nuevo Metodo de Sifa, para tocar la Guitarra", VELASCO — Napoles (1640) e "Instrumentación de Musica sobre la Guitarra española" — GASPAR SANS — 1796.

"De "Estudio sobre la Guitarra" — LEITE — Oporto — 1796. *Nota complementar,* extraída do estudo intitulado "Un enigma contraditório" assinado por ERNESTO MARIA BARREDA e publicado na revista *Atlantida,* de Buenos Aires: "Aquêles que afirmam que a nossa música popular só tem uma origem autêntica — que é a *Origem Indígena* — cometem um grave êrro. Tôda a América recebeu da *Espanha* a *Guitarra*. E' evidente que com a guitarra veio também a música, no seu estilo e na sua técnica. Igual argumento é utilizado por JULIÃO RIBEIRA que diz: se o alaúde teve absoluto fastígio na *Idade Média,* foi porque os árabes o introduziram junto com sua música".

No "El Libro del Buen Amor", de ARCIPESTRE DE HITA, há um verso que elucida a tese da origem árabe da guitarra na Espanha e, portanto, na América: *"Alli sale gritando la Guitarra mourisca..."* Houve, sem dúvida, duas guitarras: uma latina e outra mourisca. Mas a *vihuela* do pampa não foi nem poderia ser a guitarra latina e sim a guitarra mourisca, isto é, espanhola".

A Vihuela (*Breve notícia*) Etim. Del mismo origen que viola. Antiga lira o algun otro instrumento diverso de la guitarra.

Vihuela: Instrumento de cuerda de antiga origen, y segun muestran las viñetas de antiguos codices, entre ellos, las cantigas

influência do árabe acentuou-se no gaúcho pela mescla do português do Continente e do espanhol na fronteira, já não se poderá dizer o mesmo com referência à população descendente dos Açores, no litoral.

Ainda aqui podemos assinalar a evidência de nossa tese. E sejamos lógicos e simples para sermos convincentes.

Às ilhas atlânticas, descobertas nos começos e meados do século XV, "Ilhas de bruma, caravelas paradas, à espera da partida", na imagem do poeta, Portugal mandou, de preferência, como elementos colonizadores, homens e mulheres do Algarve. O Algarve era, então,

---

de Alfonso el Sabio, de forma parecida al *laud*, con el que ha sido frequentemente confundida. Si bien es cierto que en la disposición de su encordoadura tenia semejanza con el *laud*, diferenciabase de este, tanto en sonoridad como en tenica. *Procedente como el laud, del ud o oud arabe*, presentaba dos tipos artisticos principales: *la vihuela de arco y la vihuela de mano*, a la que nos referiremos especialmente. La primera se tocaba como el violin, y fué, con el nombre de Viella (en francês vielle), *el instrumento acompañante de trovadores y juglares durante el periodo romantico que llenan las cruzadas*, y la segunda, punteado. Coexistindo en nuestro país, la vihuela con la variedad llamada *guitarra*, ello ha sido causa de que se hayan homologado indebidamente ambos instrumentos.

En un principio tan diferente fué la vihuela del Laud, como de la guitarra española, aunque luego hacia fines del siglo XVI pudieran ya confundir teoricamente los dos instrumentos. Tuvo la vihuela en España, durante el Siglo XVI, su epoca de apogeo.

Convertido en instrumento aristocrático, considerabase su uso entre personas de noble alcurnia, como indispensable en una educación esmerada, de igual suerte que en otros paises lo era la

e o é ainda, uma província totalmente árabe, totalmente moura. A própria escola de Sagres havia recolhido todo o patrimônio da cultura científica do invasor.

Os mapas e as bússolas de suas navegações eram dádivas da sabedoria oriental. O elemento colonizador das ilhas tinha, portanto, o sangue mouro. Mas Portugal lutou sempre com a precariedade numérica de seus elementos humanos, em face dos imensos impérios con-

---

pratica del *Laud*, o de la tiorba, como instrumentos acompañantes del canto.

Por el contrario, la guitarra, aun con el perfeccionamento de su encordadura, atribuido a V. ESPINEL, era, entonce, el instrumento de la classes humildes.

La *vihuela*, que al perfeccionarse llegó a tener cinco, seis y hasta siete cuerdas, fué motivo, y en ella seria parte principalissima, el favor de que disputaba entre las gentes encumbradas, de copiosa literatura.

Escritos en notacion cifrada, la tambien llamada tabuladura, fueron apareciendo, a partir del siglo XVI, numerosos tratados y artes de tañer vihuela por cifra que, aparte de su mayor o menor merito didactico, revisten gran importancia, por diversas razones. Es la primera, al decir de GEVARET, en essos tratados y coleciones, donde de irá buscar las origenes de las formas de la musica instrumental, y los primeros esbozos de la orquestra moderna, ai como el desarrollo de las monodias acompañadas, que debia conduzir al drama musical. Sobre ello, las obras de los vihuelistas españoles son, segun escribe el musicologo MITJANA, preciosos instrumentos para seguir el processo de transformacion del arte antiguo y de los modos classicos en la tonalidad moderna, progresso cujo agente eficaz, el principio esencial, parece haber sido la melodia popular, las canciones y la danza del pueblo. De igual suerte que el laud y la tiorba, la vihuela, como hoy el piano, el organo y el harpa, podia permitirse todas las osadias

quistados. E não pôde dar às ilhas senão poucos homens brancos do Continente. Procurou fomentar a povoação dos Açores e da Madeira com mouros legítimos que, segundo o relato dos sociólogos ilhéus PADRE FERNANDO AGOSTINHO DA SILVA e CARLOS AZEVEDO DE MENEZES, ali aportaram em *avultadas multidões, em verdadeiras legiões*.

E são dêles, dos sociólogos ilhéus, estas palavras que transcrevemos: *"Não pode, porém, negar-se que a grande multidão de mouros, negros e mulatos trazidos para estas ilhas nos primeiros tempos da colonização e ainda em épocas posteriores, abastardou notàvelmente a pureza nativa da raça lusa, imprimindo-lhe certas características próprias das origens étnicas de onde procediam,*

---

autorizadas por el temperamiento, lo que era imposible a los compositores del genero polifonico, dada la educacion exclusivamente polifonica de las voces.

Por ultimo, los libros de vihuela, verdaderas antologias donde junto a las transcriciones para dicho instrumento, de obras notables en la polifonia vocal figuran Vilancicos, romances y danzas populares, presentan un alto valor documental desde el punto de vista folclorico y aun psicologico y literario. Y no hay que olvidar que los vihuelistas españoles crearon hasta la mitad del siglo XVI la "fantasia", un tema desarrollado en forma contrapuntistica, las veraciones (por ellos llamadas *diferencias*) forma esta que unida a la imitación a pasar a los instrumentos de tecla y de estos a los de arco, dieron origen a la *suite*, serie e sucesión de aires de danzas, origen de la sonata classica. En la abundante literatura vihuelista el libro mas antiguo conocido es la obra de LUIZ MILAN, caballero valenciano al servicio del *Duque de Calabria* y que fué publicada en Valencia em 1536 con el siguiente titulo: "Libro de Musica de vihuela de mano". etc. Este nota-

que ainda presentemente se notam em muitos habitantes de algumas localidades rurais".

E apontam os sociólogos uma série de crendices, de superstições, de variada indumentária, hábitos, costumes, festas, músicas, canções, culinária, tudo radicalmente prêso às tradições dos mouros.

Ouçamos ainda a palavra de ARTHUR SARMENTO, sôbre tradições de Ponta do Sul e Santa Cruz: "Dos mouros a dolência dos cantares, dos mouros as lengalengas serranas, os populares lengi-lengi, o nevoeiro, a formiga que o seu pé prende. Entre as brumas, princesas encantadas, as histórias de palácios e riquezas entesouradas, ladrões e varas de condão. Dos mouros, ainda o cuscuz — essa massa granulada de farinha de trigo, tão apreciada pelas classes pobres".

MARIA DE LOURDES DE OLIVEIRA MONTEIRO, no seu longo estudo sôbre Pôrto Santo, escreve: "O baile de meia volta, na música e coreografia, são características irrevogáveis da influência dos árabes com os quais as ilhas *durante séculos tiveram intercâmbio populacional"*. E acresce ainda: "Não há ninguém que, vendo

---

ble tratado que sirvió de indudable modelo a los que le siguieron, compreende transcriciones de obras del siglo XV y comienzos del imediato, realisada con elegancia y perfecto conocimento de las posibilidades tenicas de la vihuela que entonces no tenia sino seis cuerdas. Le siguieron cronologicamente el Libro del Delfin de Musica para tañer vihuela, editado en *Valladolid* en 1538, y de que fué autor el granadino LUIZ DE NARVAEZ, notable compositor y vihuelista, padre de ANDRES NARVAES, también celebrado teñedor de vihuela, Colecion de AFONSO UNDARRA, 1546.

"Estudio sobre la Vihuela", LEITE, Oporto — 1796.

estas rodas e meneios lentos, em noite de luar, e ouvindo as toadas melancólicas e trincadas que as acompanham, não chegue instantâneamente a essa conclusão, tão impressionante é a semelhança".

O nativo de Pôrto Santo é moreno, queimado de sol, rosto oval e comprido, molares salientes, olhos escuros, cabelo liso e negro.

Luís da Silva Ribeiro, estudando a Ilha de São Miguel, fala sôbre o teatro micaelense e diz que o povo empresta às representações populares o nome de *mouriscas* e *mouriscadas*.

E acrescenta: "Há o romance mourisco, houve a dança mourisca que ainda subsiste no Funchal".

Na toponímia dos Açores reproduz-se a toponímia do Algarve, tal como se repetiu no solo rio-grandense. Leite de Vasconcelos escreveu que o português penetrou os Açores no século XV e que o dialeto açoreano revela ainda a sua origem como província do Sul de Portugal. Ao que acresce Wagner: "Não admira pois que tenha conservado vocábulos antigos e também arabismos".

O Conde de Ficalho fêz a recoleta de vocábulos árabes do Sul de Portugal e dos Açores. E inúmeros folcloristas e filólogos, historiadores e sociólogos ampliaram, neste século, suas pesquisas para dar ao antigo invasor mouro o relêvo da influência que êle exerceu na Península Ibérica e por tanto tempo negada sob uma falsa e inexplicável prevenção religiosa ou racial.

E ao final dêstes estudos, após o exame da contribuição *berbere* na Espanha em geral, e na Maragateria

em particular, e em tôda a vida da Nação Portuguêsa, não será difícil aceitar como aceitamos nós, depois de dez anos de mergulho no tempo, a conclusão de que no tipo e na vida dos gaúchos sul-americanos em que se enquadra o gaúcho rio-grandense, porque o Pampa (20)

---

(20) A propósito do Edito de Phelipe II, referido por Vanderhamen, em seu livro Phelipe II — (Madrid 1632 — fls. 12) em que proibia "de qualquer modo que fôsse" a religião, o uso da língua, as diversões tradicionais de sua origem e até mesmo sua própria maneira de vestir, dos árabes na Espanha, não escapando do anátema o próprio hábito do banho, pelo que foram destruídos todos os banheiros públicos e particulares, no que coincide HENRI BUCKLE, no II volume de sua "História da Civilização na Inglaterra" (fls. 55-56) os árabes que permaneciam na Espanha, nesse tempo, revoltaram-se contra as medidas postas em prática. A insurreição dos mouros começou em 1568 e foi dominada em 1571.

Mas a insistência dos mouros em preservar suas crenças e seus hábitos fêz ainda que o *Arcebispo de Valença* conseguisse, em 1602, pela *Memória Contra os Mouros*, do Rei Phelipe III, um decreto pelo qual se ditava aos mouros restantes na Espanha condição de escravos e pena de galés, com trabalhos forçados nas Índias e na América.

Mas, em 1609, Phelipe III põe fim à insistência iniciada pelo Arcebispo de Valencia, despachando um expediente com estas célebres palavras: "Ponha-se em execução!!" E, nesse momento, foram expulsos da *Espanha* mais de um *milhão de mouros espanhóis*. Êste cálculo está confirmado por Cadiz Llorente Ximenez, (BOISEL) no livro "Journal du voyage d'Espagne" — 1669 — página 275.

A permanência dos árabes e mouros na Espanha, foi, portanto, realmente de 711 a 1609 — que soma um tempo de 891 anos, *isto é, o tempo de nove séculos*.

O resultado do decreto foi aplaudido com grandes festejos religiosos. Mas a Espanha ficou sem técnicos para a sua agri-

é um território sociològicamente indivisível — estêve e permanece, vulnerável e irremovível, a predominância dos hábitos e costumes do cavaleiro mouro que por nove séculos viveu e imperou nas terras de sol *del Andaluz*.

---

cultura, principalmente para o trabalho das lavouras de *arroz*, de *algodão*, fabrico do açúcar, da sêda e do papel. As artes e as manufaturas entraram em ruína. E a fome foi conhecida na Espanha.

Surgiram nos campos e nas aldeias abandonadas grupos de salteadores e ladrões, que constituíram um flagelo para a Espanha.

Janer, em seu livro "Condición de los Moriscos", (pág. 100) informa: "Era peligroso el encuentro de los salteadores que infestaban los camiños abrigando-se en las ruinas de los pueblos desiertos".

E' esta a mesma referência que se encontra nas "Memoirs" (Vol. I, pág. 16) de DUNLOP.

Tôdas essas informações provam a importância da contribuição *Árabe* e *Moura* à própria Espanha de Phelipe III, em plena época da *Colonização da América*, quando a Espanha expulsava de seu território *um milhão de hispano-árabes*.

40 — Rimbaud	Uma Estação no Inferno
41 — Sílvio Neves	Postais Inglêses
42 — João Neves da Fontoura	Pôeira de Palavras
43 — Josué Montelo	Fontes Tradicionais de Antônio Nobre
44 — Álvaro Lins	No Mundo do Romance Policial
45 — Stefan Baciu	Servindo à Poesia
46 — Luís Santa Cruz	Poética Menor
47 — Miguel Paranhos de Rio Branco	Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750
48 — Sérgio Pôrto	Pequena História do Jazz
49 — Wilson Lousada	O Caçador e as Raposas
50 — Alfredo Margarido e C. E. Costa	Doze Jovens Poetas Portuguêses
51 — Otto Maria Carpeaux	Respostas e Perguntas
52 — Arthur Cezar Ferreira Reis	Portuguêses e Brasileiros na Guiana Francesa
53 — Theodore Harnpercer	Os Estados Unidos Através de sua Literatura
54 — Eurico Nogueira França	A Música no Brasil
55 — Dante Alighieri	Três Cantos do Inferno
56 — Evaristo de Morais Filho	Francisco Sanches na Renascença Portuguêsa
57 — Lourival Gomes Machado	Teorias do Barroco
58 — Almeida Fischer	A Ilha e Outros Contos
59 — Cassiano Ricardo	A Poesia na Técnica do Romance
60 — Roberto Alvim Corrêa	Hebe ou da Educação
61 — Luís Cosme	Horizontes de Música
62 — Celso Kelly	Três Gênios Rebeldes
63 — Rubem Braga	Três Primitivos
64 — Manuel Bandeira	De Poetas e de Poesia
65 — Adonias Filho	Jornal de um Escritor
66 — José Fernando Carneiro	Apresentação de Jorge de Lima
67 — Francisco de Assis Barbosa	Testamento de Mário de Andrade
68 — Anisio Teixeira	A Universidade e a Liberdade Humana
69 — Peregrino Junior	O Movimento Modernista
70 — Afrânio Coutinho	Por uma Crítica Estética
71 — Pedro de Botelho	3 Fragmentos
72 — Olívio Montenegro	Ensaios
73 — Paulo Ronai	Roteiro do Conto Húngaro
74 — Edgard Cavalheiro	Evolução do Conto Brasileiro
75 — Roberto Mendes Gonçalves	O Barão Hubner na Côrte de São Cristóvão
76 — Edgard Cavalheiro	A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto
77 — Manuel Bandeira	50 Poemas Escolhidos pelo Autor
78 — Sérgio Milliet	Três Conferências
79 — Gilberto Freyre	Reinterpretando José de Alencar
80 — Gilberto Freyre	Manifesto Regionalista de 1926

81 —	Antonio Olinto	O "Journal", de André Gide
82 —	Manuel Diégues Júnior . .	Estudos de Relações de Cultura no Brasil
83 —	Brasil Gerson	Pequena história dos fanáticos do Contestado
84 —	Vera Pacheco Jordão	Maneco, o Byraniano
85 —	Oscar Mendes	Nabuco, Mauriac e Baudelaire
86 —	Yvone Jean	Marionetes Populares
87 —	Thales de Azevedo	O Catolicismo no Brasil
88 —	Tristão de Athayde	Pela América do Norte — 1.º Volume
89 —	Tristão de Athayde	Pela América do Norte — 2.º Volume
90 —	Joaquim Ribeiro	Folclore Baiano
91 —	Helcio Martins	Pedro Salinas
92 —	Paulo Mendes Campos . . .	Páginas de Humor e Humorismo — 1.º Volume
93 —	Paulo Mendes Campos . . .	Páginas de Humor e Humorismo — 2.º Volume
94 —	Celso Furtado	Uma Economia Dependente
95 —	Adolfo Casais Monteiro . . .	Uma Tese e Algumas Notas sôbre a Arte Moderna
96 —	Cyro dos Anjos	A Criação Literária
97 —	Cassiano Ricardo	Pequeno Ensaio de Bandeirologia
98 —	Augusto Frederico Schmidt .	50 Poemas Escolhidos pelo Autor
99 —	Daniel de Carvalho	A Formação Histórica de Minas Gerais
100 —	Carlos Drumond de Andrade .	50 Poemas Escolhidos pelo Autor
101 —	Alphonsus de Guimaraens F.º	Sonetos com Dedicatória

RELAÇÃO DOS CADERNOS DE CULTURA

-102-

Departamento de Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1956